

A Transformação de Zé em Ulisses: Como Eliane Brum aborda seus personagens ¹

Ana Resende QUADROS²

Luiz Ademir de OLIVEIRA³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Este trabalho dedica-se a estudar o texto “O doce velhinho dos comerciais”, presente no livro “A vida que ninguém vê” da premiada jornalista brasileira Eliane Brum. A repórter é conhecida por seu olhar sob o invisível, falando de pessoas anônimas e temas vistos sob outro ponto de vista. Nessa reportagem ela conta a história de David, um senhor que parece um senhor comum, mas que é um sobrevivente do holocausto. Brum tem um lema, o de que todo Zé é um Ulisses e vice versa. Nesta pesquisa, busca-se descobrir se ela de fato o faz e como. Para tanto, foi feito um estudo bibliográfico sobre o jornalismo como ator social, o jornalismo em sua interface com a literatura e sobre a Jornada do Herói. Para analisar o texto de Eliane Brum, recorre-se à Análise de Conteúdo (Bardin, 2011).

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo e Literatura; Construção da realidade; Eliane Brum; comunicação.

Considerações Iniciais

Eliane Brum, uma das mais importantes jornalistas brasileiras, ganhadora de dezenas de prêmios que vão desde do Vladimir Herzog, passando pelo Esso e até o Jabuti, é conhecida por ter um olhar e uma escrita fora do comum. Sua temática é, na maioria das vezes, focada no excluído social e/ou economicamente. Seus textos mais parecem literatura do que jornalismo. Mas esses não são os únicos fatores que tornam Eliane Brum única. Há também a transformação que ela é capaz de fazer com seu olhar, transformando gente comum em pessoas extraordinárias, heróis.

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Mestranda do Curso de Jornalismo da PPGCOM-UFJF, e-mail: anarquadros@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFSJ e colaborador no PPGCOM-UFJF, e-mail: luizoli@ufsj.edu.br

Mais do que contar o que raramente acontece, relatar o cotidiano nas páginas de grandes veículos de comunicação é fazer com que pessoas que não são reconhecidas pela sociedade passem a existir perante ela. Faz com que as próprias pessoas se reconheçam especiais. Essa transformação fica provada nas cartas que Eliane Brum recebia sobre sua coluna.

Toda semana me alcançavam relatos que acabavam assim: “Descobri que minha vida é especial. Mudou tudo.” Bastava o reconhecimento do outro, vindo de um lugar legitimado como uma página de um jornal de sábado, para que os músculos ovulares atrofiados pela falta de uso voltassem a se exercitar para enxergar a própria vida de outros ângulos possíveis (BRUM, 2006, p.188).

Esse relato corrobora o que diziam Berger e Luckmann (1998) e Bourdieu (2001): a linguagem e a comunicação têm um papel central da construção da realidade. Ao mesmo tempo, se é ela uma das responsáveis para a manutenção do status quo, também podem ser elas grandes aliadas na transformação da realidade.

Este trabalho dedica-se a analisar o texto “O doce velhinho dos comerciais”, presente no livro “A vida que ninguém vê” (2006), da autoria de Eliane Brum. Por meio de estudos bibliográficos acerca da relação entre jornalismo e literatura, do poder da comunicação e de narrativas de construção de heróis, busca-se descobrir, fazendo uso da análise de conteúdo de que forma Brum aborda o personagem e se de fato ela é capaz de fazer de “Zé” um “Ulisses”, tomando como base a Análise de Conteúdo (Bardin, 2011).

O Poder da Linguagem

Berger e Luckmann (1998) entendem que o mundo é composto de diversas realidades e as compreensões delas podem entrar em choque. Para eles, a mais fundamental é a percepção da vida cotidiana, pois é nela que se exige o máximo da consciência do homem comum. Essa realidade é apresentada ao indivíduo pronta e varia conforme o meio em que ele está inserido. Nós incorporamos o que nos é apresentado antes que tenhamos tempo de influenciar a realidade.

Por mais que a realidade cotidiana possa ser alvo de diversas interpretações, existe, segundo os autores, um senso comum do qual todos fazem parte e compartilham, que permanece apesar das experiências individuais. A transmissão desses conhecimentos implica no uso de ferramentas de controle e legitimação. Para Berger e

Luckmann (1998), uma delas são os papéis sociais, relacionados à divisão do trabalho e à ordem social. Também são ferramenta as regras de conduta e controle e as sanções que punem aqueles que não seguem as normas.

Os autores explicam que as objetivações sociais são interiorizadas pelas pessoas, ou seja, para que sejam assimiladas, transformadas em algo subjetivo. Essa assimilação é que constrói a identidade do indivíduo. Isso quer dizer que a identidade é construída a partir do mundo objetivado e depende da posição do indivíduo dentro do grupo. Para que isso aconteça, o indivíduo deve passar por socializações.

Como a socialização nunca está completa, é preciso pensar em maneiras de conservação da realidade. Isso pode ocorrer de duas maneiras: a conservação rotineira, ligada à vida cotidiana; e pela conservação crítica, usada nos momentos de crise. As técnicas usadas para manter a realidade nesses momentos críticos podem envolver rituais e até o uso de força (BERGER e LUCKMANN, 1998).

Ao mesmo tempo, os autores acreditam que a maneira mais fácil de se manter a realidade é por meio da conversa, ela também pode ser usada como ferramenta de transformação, de ressocialização. Esse processo assemelha-se à socialização primária, mas acontece em uma fase mais avançada da vida. Quanto mais complexa é a divisão do trabalho, maiores as chances de ressocialização, pois há mais conhecimento disponível. Maior também é a capacidade do indivíduo de se tornar ator social e não apenas ser guiado pela sociedade.

Bourdieu (2001) investe na explicação de como esse sistema é mantido. Para o sociólogo, em nosso mundo existe um grande gama de poderes, e é necessário procurar pelos tipos de poder que geralmente passam despercebidos, o poder simbólico. Essa modalidade só pode ser exercida com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a ele e daqueles que o exercem.

O poder simbólico está presente em todos os campos sociais e universos simbólicos que, ao mesmo tempo são construídos por ele e ajudam a estrutura-lo. Isso ocorre porque os símbolos são instrumentos do conhecimento e da comunicação e, assim, constroem um consenso quanto a ordem social. É desta maneira que as ideologias, que são representações de interesses particulares, são apresentadas como sendo de interesse coletivo.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem a sua

função política de instrumentos de imposição ou de legitimação de dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço de sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a “domesticação dos dominados” (BOURDIEU, 2001, p.11).

Dessa forma, as classes entram em disputa para que sua própria visão de mundo prevaleça sobre as outras. A força dos sistemas simbólicos está no fato de que os poderes exercidos não são percebidos. Esse poder simbólico é, na verdade, o poder de fazer ver e fazer crer, ou seja, ditar o real, ou melhor, o que se crê que é real. O poder simbólico é uma forma de expressão de outros tipos de poder. Os capitais (as vantagens que diferenciam os poderosos) dos outros poderes são transformadas em capital simbólico.

Como a força do poder simbólico está no fato de ele não ser percebido, para Bourdieu, a única maneira de destruí-lo seria revelá-lo, ou seja, destruir a crença na qual ele se baseia, a tomada de consciência de que aquela situação não é natural, mas sim construída.

A recusa dessa tomada de consciência é exprimida pelo que Bourdieu chama de *habitus*, ou seja, agir conforme um conhecimento adquirido, uma disposição incorporada. O *habitus* não é o mesmo para toda a sociedade. Isso porque a sociedade se divide em campos, cada qual com suas próprias crenças, linguagem, coisas materiais e simbólicas. Sendo assim, cada campo tem suas próprias relações de poder. Cada pessoa pertencente ao campo exerce um papel social pré-determinado.

O sentido de uma posição ocupada nesse espaço é dado pela incorporação das estruturas vigentes, tidas como naturais. A tendência de aceitar as coisas como são é maior do que a de se rebelar contra elas. E quem dita a realidade são as pessoas com maior capital simbólico (distinção). Esse capital é tido como algo óbvio, o que faz com que as pessoas com maior reconhecimento do grupo no qual se inserem tentem a permanecer poderosas. E a distribuição do poder é extremamente desigual.

A Tradição Literária do Jornalismo

Jornalismo e literatura contaram com mais aproximações do que divergências. Em suas origens, o jornalismo era considerado um ramo literário. Na França do século XIX, a imprensa era fortemente ligada ao debate político, privilegiando-se a doutrinação

e a opinião (BULHÕES,2007). Tais características se alteraram com a chegada, no fim do século XIX e início do século XX, do modelo americano, para o qual o jornalismo deve pautar-se pela objetividade e pela lógica do mercado, assumindo o discurso do jornalismo como o retrato da realidade tal qual ela é. Para atingir esses objetivos os jornalistas passaram a usar uma metodologia padronizada que envolvia ouvir e citar fontes, dispor informações por ordem de importância e responder no primeiro parágrafo seis perguntas sobre o fato: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? (BULHÕES, 2007, p. 23).

A primeira experiência com a maneira “moderna” de se fazer jornalismo é creditada pelo historiador Brito Broca a João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto. Para o historiador, João do Rio foi o primeiro cronista a sair do ambiente da redação para apurar os fatos na rua, transformando a crônica em reportagem.

Os textos de João do Rio eram marcados pelo seu olhar humanizado. No início do século XX, a cidade do Rio de Janeiro passava por muitas transformações. A modernização fez com que os pobres fossem “empurrados” para os morros, que se tornaram as favelas atuais. Rozendo e Mega (2014) contam que João do Rio via os excluídos de maneira diferenciada, expondo seus sentimentos e pontos de vista, bem à maneira que Gay Talese faria décadas mais tarde.

Contudo, como explica Bulhões (2007), os anos 1950 foram marcados por um jornalismo distante das letras. Essa mudança derivou do crescimento dos meios de comunicação como empresas de produção industrializada. Foi nesse mesmo período que jornais e revistas sofreram uma ampla mudança na diagramação e passaram a abrigar fotografias em suas páginas. Tudo para atrair a publicidade internacional.

Mesmo durante esse período, a literatura não esteve totalmente ausente do jornalismo, mas ela foi restrita a figuras como Nelson Rodrigues. As reportagens, geralmente, tidas como espaço de mais liberdade, eram tolhidas pela padronização jornalística. A resistência não chegou a ser efetiva até a chegada da revista *Realidade* em 1966.

Em plena época de censura imposta pela Ditadura Militar, a *Realidade* foi capaz, em extensas e bem escritas reportagens, de abordar temas considerados tabus de forma inovadora, influenciando muito o comportamento atual, como o divórcio e a liberdade sexual.

Outro diferencial da *Realidade* era seu público leitor, que congregava homens, mulheres e jovens, que precisavam reservar a revista na banca, pois os primeiros exemplares sempre se esgotavam logo. Nos primeiros quatro meses, a venda nas bancas subiu de 250 mil exemplares para 450 mil (MARÃO, 2010).

Por todas essas características, a *Realidade* é apontada como um exemplo de Jornalismo Literário no Brasil. Marão (2010) explica que os repórteres tiveram contato com os textos de Gay Talese, Truman Capote, Tom Wolfe e outros ligados ao New Journalism, mas, para ele, os jornalistas da *Realidade* escreviam por pura intuição e não por desejarem fazer *New Journalism*.

O Novo Jornalismo

Desejando ou não fazerem *New Journalism*, o fato é que muitos autores foram influenciados por esse estilo de escrita. Esse gênero, que se tornou um dos mais populares do Jornalismo Literário (textos que ligam jornalismo e literatura), surgiu no princípio da década de 1960, nos Estados Unidos, com as reportagens especiais publicadas na *Esquire* e no *Herald Tribune*.

O Novo Jornalismo, que só recebeu esse nome em meados da década de 1960, não possuía, até Wolf escrevê-lo em 1973, um manifesto de princípios. Contudo, seus precursores, como Breslin, Tom Wolfe e Gay Talese, tinham um diferencial em seus textos: a profundidade. Essa nova forma de se fazer jornalismo pode ser vista como uma reação ao jornalismo pasteurizado, de produção quase industrial.

Wolfe (2005) defende que esta modalidade não foi criada com a intenção de ser “melhor” e nem mesmo “nova”, mas somente teve espaço porque os romancistas deixaram o realismo de lado. Segundo ele, antes do surgimento do Novo Jornalismo, a ambição da maioria dos jornalistas era se tornar um autor de romances, uma vez que, à época, os romancistas possuíam elevado status social. Impossibilitados de prosseguir carreira literária, os jornalistas se dedicaram às reportagens especiais, mais profundas do que as do noticiário simples.

Em seus retratos da realidade, os “novos-jornalistas” registravam minuciosamente os gestos, costumes e hábitos de seus personagens, além de descreverem cuidadosamente os espaços e narrarem os pensamentos das pessoas retratadas. Por todo esse detalhamento, os adeptos da nova técnica foram acusados de

inventarem grande parte de seus textos. Somando isso à maneira extravagante que alguns, como Wolfe, escreviam seus textos, fizeram dos romancistas e literatos os maiores opositores do *New Journalism* (BULHÕES, 2007).

Atualmente, o movimento que liga jornalismo e literatura é o *New New Journalism*, liderado por Gay Talese e John McPhee. Sem se preocuparem com manifestos ou cartas que explicitem seus princípios, os autores desse gênero se identificam por meio de suas estratégias de apuração, não por uma linguagem pré-determinada.

O Novo Jornalismo Novo, como é chamado no Brasil, preocupa-se com aqueles que geralmente não são vistos pela grande mídia. Ele retrata o cotidiano, as subculturas, o linguajar dos personagens. Bem longe do extraordinário, foco do jornalismo convencional. “O objetivo é assumir o perfil ativista, questionar valores, propor soluções” (PENA, 2013, p.60).

A jornada do herói

Quando se observa bem, percebe-se que livros, filmes, seriados, novelas, enfim, quase todas as histórias tem muitas características em comum. Foi isso que percebeu Christopher Vogler, uma das grandes referências quando o assunto é a construção de histórias. Vogler foi muito influenciado por Joseph Campbell e sua teoria do herói de muitas faces, que foi expandida por Vogler.

Essa teoria consiste em dizer que todas as histórias possuem elementos similares em suas estruturas. Tais proximidades foram denominadas de Jornada do Herói. Isso porque em todos os enredos os personagens centrais passam por percursos similares. Vogler (1998) destaca 12 elementos que costumam se repetir: o Mundo Comum, o Chamado à Aventura, a Recusa do Chamado, o Encontro com o Mentor, a Travessia do Primeiro Limiar, os Testes, Aliados, Inimigos, a Aproximação da Caverna Oculta, a Provação, a Recompensa, o Caminho de Volta, a Ressurreição e o Retorno com o Elixir. (VOGLER, 1998, p.27-28).

Essa estrutura, acredita Vogler, existe desde antes dos desenhos nas cavernas e sempre, com as devidas adaptações culturais, são usadas, mesmo que alguns passos sejam excluídos ou tenham a ordem alterada. A imagem abaixo:

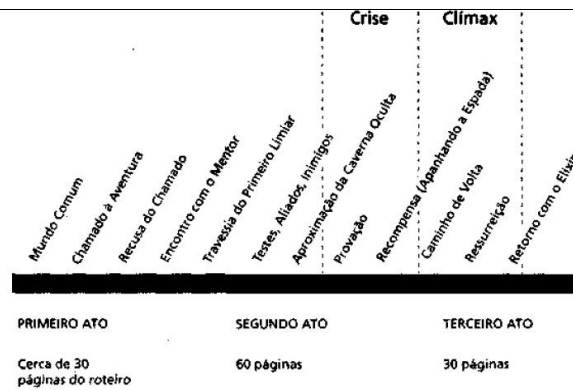


Tabela com a ordem comum da Jornada do Herói (VOGLER, 1998, p.28)

A variedade da jornada é o que leva Campbell caracterizar os heróis como tempo muitas faces, explica Vogler (1998). A história geralmente começa com o herói em seu mundo habitual, mas logo surge a um problema que o fará partir para um ambiente desconhecido, sendo ele um lugar físico ou sua própria mente, sentimentos etc. Essa segunda etapa é o Chamado à Aventura, que pode ser um desafio, conquistar um tesouro, investigar um crime, entre outras muitas possibilidades.

Na terceira etapa, o herói pensa em recusar o chamado, uma vez que essa jornada significa enfrentar seus maiores medos. É nesse momento que costuma aparecer o Mentor, que tem a função de orientar o herói e convencê-lo a ingressar na aventura. No momento em que decide agir, o protagonista enfrenta seu “Primeiro Limiar”, que significa encarar as consequências de ter ingressado na aventura.

Em seguida, o herói enfrenta outros testes e desafios, encontrando amigos e inimigos pelo caminho. É nesse momento que ele entende as regras desse novo mundo em que se encontra. O próximo passo é se aproximar daquilo que o protagonista busca durante a sua trajetória. É quando ele atravessa o segundo limiar, estando próximo de enfrentar o “vilão”, a coisa mais terrível desse mundo desconhecido.

Na “Provação”, chega o momento de lutar contra a força hostil e é comum que ele se encontre em uma situação de vida ou morte. Nesse momento, o herói parece perder a batalha, mas reencontra suas forças e consegue derrotar o inimigo, ganhando sua “Recompensa”.

Na jornada de volta para o mundo comum, ele enfrenta uma nova provação por ter conseguido o que buscava. Nesse momento, o herói compreende que não é mais possível continuar naquele “Mundo Especial”, porque ele nunca ficará totalmente livre das provações.

Graças a tudo pelo que passou, o protagonista se transforma, ressuscita, tendo um novo entendimento do mundo. Agora, ele realmente fica livre para retornar ao “Mundo Comum”. No fim, o herói consegue voltar para casa trazendo sua recompensa, seu elixir, o que sobrou de bom de toda trajetória.

Mas qual seria a razão para a repetição dessa fórmula em várias regiões do mundo? E por que ela continua despertando nossas emoções e nos deixando envolvidos com a narrativa? Para Vogler (1998) a resposta é simples: mais do que uma maneira de contar histórias, a Jornada do Herói é uma representação da vida humana.

Por essa razão, a jornada não se aplica somente a histórias típicas de heróis, com ação e aventura, mas também em textos que falam de viagens pela própria mente ou da relação entre seres humanos. Além disso, como explica Vogler (1998), esse padrão se repete mesmo quando o autor não se dá conta de que o está repetindo. O autor explica que essa teoria também encontra bases no pensamento do psicólogo Carl Jung:

[...] que escreveu sobre os arquétipos, personagens ou energias que se repetem constantemente e que ocorrem nos sonhos de todas as pessoas e nos mitos de todas as culturas. Jung sugeriu que esses arquétipos refletem aspectos diferentes da mente humana — que nossas personalidades se dividem nesses personagens, para desempenhar o drama de nossas vidas. Ele observou que existia uma notável correspondência entre as figuras que apareciam nos sonhos de seus pacientes e os arquétipos comuns da mitologia. Assim, levantou a hipótese de que ambos provêm de uma fonte comum mais profunda, o inconsciente coletivo da humanidade (VOGLER, 1998, p.25).

Vogler acredita que esse modelo pode ser entendido como um mapa da mente humana, uma vez que tratando de um mundo surrealista ou de uma história do cotidiano, continuam sendo válidas e realistas nos âmbitos psicológico e emocional. O fato de que a Jornada do Herói é adaptável a quase todos os problemas humanos é o que faz o público se identificar com ela.

Estudo de caso: uma análise do personagem “O Doce Velhinho dos Comerciais” de Eliane Brum

Uma das mais premiadas jornalistas brasileiras é Eliane Brum. Ela nasceu na cidade de Ijuí, Rio Grande do Sul, em 1966. Por 11 anos trabalhou no jornal gaúcho Zero Hora, para o qual escreveu os textos que deram origem, mais tarde, ao livro *A Vida Que Ninguém Vê*.

Durante 10 anos, Eliane foi repórter especial da Revista *Época*, em São Paulo. A partir de 2010, ela passou a atuar como *freelancer* e, desde 2013, assina uma coluna quinzenal no site do jornal global El País. Ao longo de sua carreira, Brum escreveu seis livros, sendo cinco deles de não ficção. Como jornalista, ela recebeu mais de 40 prêmios, entre eles: Esso, Vladimir Herzog, Ayrton Senna, Líbero Badaró e, com A *Vida Que Ninguém Vê*, o prêmio Jabuti de melhor livro de reportagem de 2007.

Dona de um olhar ousado que enxerga o invisível aos olhos comuns, Eliane Brum faz reportagens que dão lugar de notícia a temas que seriam ignorados pelos noticiários.

O que esse olhar desvela é que o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir a verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal. [...] cada Zé é um Ulisses. E cada vida uma *Odisseia* (BRUM, 2006, p. 187).

Os diferenciais de Brum já foram percebidos por outros estudiosos. Rozendo e Mega (2014), por exemplo, comparam o olhar da jornalista ao de João do Rio. Para os autores, os dois funcionariam de maneira complementar. Ele fazendo um “diagnóstico” da miséria e ela trazendo a esperança de que um dia todos serão vistos como iguais. Ambos com o olhar voltado àqueles que não têm espaço nos noticiários e reportando suas realidades de maneira distinta da que é vista nos jornais diários.

Eles não se prendem à objetividade e à imparcialidade jornalística, tanto que muitas de suas narrativas são escritas em primeira pessoa. Além disso, possuem formas de relato que humanizam os personagens ao expor seus sentimentos, medos e aflições; enxergando-os como protagonistas e não como “coisas”. (ROZENDO e MEGA, 2014, p. 14).

Rozendo e Mega (2014) apontam também as três regras que Eliane Brum segue, conforme diz a jornalista em seu livro *Menina Quebrada*, de 2013. A primeira delas seria a jornalista estar tomada pelo assunto sobre o qual escreve. A segunda é buscar um novo ângulo para um tema velho ou descobrir algo sobre o qual nunca foi dito nada. Por fim, Eliane Brum estuda o assunto sobre o qual vai escrever. Rozendo e Mega acrescentam ainda uma regra que não é mencionada pela jornalista: colocar-se no lugar do outro.

Mais inovador ainda é falar do outro usando o eu. Fonseca (2013) explica que Eliane Brum, em suas reportagens, quebrou as barreiras impostas pelo Positivismo ao jornalismo. Eliane Brum não esconde sua parcialidade. A autora observa que a

jornalista, muitas vezes, utiliza a primeira pessoa, ainda que de forma sutil e sem exibicionismo. Brum dá voz ao outro por meio de seu olhar. Ela é apenas uma testemunha que dá o depoimento do que aconteceu com o outro.

Fonseca (2013) lembra que a reportagem de Brum descreve os espaços, os objetos, os personagens, imprimindo as visões da jornalista. Suas entrevistas abrem espaço para que o entrevistado diga o que quiser dizer. Em seus textos, Brum reflete e convida que o leitor faça o mesmo. Assim, ela mostra que não pretende retratar “a verdade”, e sim, “uma de muitas verdades”.

O Doce Velhinho dos Comerciais

Quanto à metodologia utilizada e o *corpus de análise*, o trabalho foca no estudo de caso da reportagem “O doce velhinho dos comerciais”, presente na obra “A vida que ninguém vê”, de Eliane Brum. Este livro, publicado em 2006, trata da coletânea de 23 dos 46 textos, publicados originalmente na coluna *A vida que ninguém vê*, entre 1998 e 1999, no jornal *Zero Hora*. É neste livro que Eliane Brum defende que todo Zé é Ulisses e todo Ulisses é Zé, já que estamos todos nós vivendo nossas próprias Odisseias.

Para tanto, além das pesquisas bibliográficas feitas em torno no jornalismo como ator social, do jornalismo literário e da Jornada do Herói, foi feita uma Análise de Conteúdo, conforme explica Bardin (2011). A AC prevê três etapas: (a) fase de pré-análise – quando se faz uma leitura do material a ser analisado; (b) fase de categorização – quando se definem categorias de análise; (c) fase de inferências – quando se articula as evidências empíricas com as teorias trabalhadas.

No caso da reportagem analisada, o foco foi na análise de como o personagem foi construído a partir das categorias elencadas no livro “A Jornada do Herói”. Podem ser mencionadas as seguintes categorias presentes na análise: o Mundo Comum; o Chamado à Aventura; os Testes, Aliados, Inimigos; a Recompensa; o Caminho de Volta; a Ressurreição e o Retorno com o Elixir.

David Dublin é, nos anúncios que faz para a TV, a representação “de um senhor idoso que alcançou a plenitude da vida com o rosto da saúde e da bonança” (BRUM, 2006, p.140). Quem olha nem pensa que esse mesmo senhor doce dos comerciais teve que se acostumar desde criança ao gosto amargo da morte na boca.

David é judeu e perdeu seu pai aos 5 anos na 1ª Guerra Mundial. A 2ª Guerra levou os outros 40 parentes seus. Mortos por seus vizinhos e conhecidos que os denunciaram para o governo nazista.

Pelos anos no holocausto, David levou uma vida de fuga. Quando a Guerra finalmente chegou ao fim, já não tendo mais ninguém que ele amava, ele considerou tirar a própria vida. Não o fez. Casou-se e tomou os filhos da esposa como seus. Mas logo percebeu que a vida reservada para ele e sua família não teria um final feliz se permanecessem na Europa.

Com muita dificuldade, veio para o Brasil. Aqui, montou uma pequena loja e dedica sua vida a fazer comerciais. David nunca conta sua história, porque lembra-la é vive-la novamente.

O doce velhinho dos comerciais vive um paradoxo: “E o paradoxo de David Dublin é, com seu aviso de morte, a possibilidade de vida. Porque a vida só é possível quando cada um consegue, apesar de seu holocausto pessoal, ser também o doce velhinho dos comerciais” (BRUM, 2006, p.140).

Este é um resumo do texto “O doce velhinho dos comerciais” presente no livro “A vida que ninguém vê” de Eliane Brum. Nessa narrativa, percebe-se que a retratação de David é construída de forma similar à de Ulisses em “Odisseia” e segue, em certa medida, a Jornada do Herói.

Tanto David quando Ulisses iniciam seus percursos após terem passado por momentos traumáticos. David já havia perdido o pai para a guerra, Ulisses teve que enfrentar a guerra de Troia. É nesse momento em que eles são forçados a sair de seu mundo comum e entrar em uma realidade de perigos ainda desconhecida. No caso de David, o jornada começa com o início da Segunda Guerra e para Ulisses, no início de seu retorno ao lar.

Ambos viveram trajetórias de fuga, passando por várias dificuldades pelo caminho e perdendo pessoas que lhes eram queridas. Essas são as provações por que devem passar durante a jornada.

Ulisses e David sobrevivem, mas percebem que não podem retornar à sua vida anterior às tragédias que os cercaram. David constrói uma vida diferente, em outro país. Ulisses consegue retornar à Ítaca, mas encontra sua esposa cercada de aproveitadores, seu filho que não o conhece, uma vida que se passou sem sua presença. Ambos

conseguem formar uma nova vida após suas Odisseias, mas estão pra sempre marcados pelo flagelo.

Os dois protagonistas, depois de passarem por diversas dificuldades, finalmente conseguem retornar ao mundo comum com sua recompensa. David, quando a Guerra acaba, passa por seu terceiro clímax no momento em que pensa em se matar, percebe que o Mundo Especial (a Europa pós-guerra) não era o lugar para ele. Seu mundo comum então passa a ser o Brasil, onde permaneceu com sua família (sua recompensa).

Ao aproximar David de Ulisses, Eliane consegue mostrar aos seus leitores que as pessoas que, aparentemente, são comuns, na verdade estão marcadas por dores e trajetórias muito mais complexas do que se percebe de longe.

Claro, David tem um percurso que é reconhecidamente trágico. É impossível não reconhecer no holocausto uma imensa desgraça que se abateu sob o povo judeu. Mas Eliane Brum não para nesse ponto. Ao dizer que só há possibilidade de vida se “apesar de seu holocausto pessoal” conseguirmos encontrar o doce velhinho dos comerciais que há em nós, ela compara cada uma das pessoas a Ulisses, transformas todas as vidas em Odisseias, sem importar se se são consideradas, à primeira vista, excepcionais.

Ao nos transformar a todos em heróis, ela desperta a possibilidade de nos vermos com outro olhar, de nos entendermos mais relevantes que nossas posições sociais. Contudo, o herói que Eliane Brum nos torna não é o mocinho sem defeitos que se vê em alguns romances. Ela nos torna heróis gregos, que, como os deuses da Grécia, são dúbios. Habitam uma área cinzenta em que não são nem inteiramente bons nem inteiramente maus.

Considerações Finais

Tendo em vista a jornada do herói e a história de Ulisses, percebemos que Eliane Brum alcançou seu objetivo de aproximar a vida de David à uma Odisseia. Sem esconder os sofrimentos pelos quais passou, a jornalista não deixa de mostrar outra faceta do seu personagem. Ao contrário do que fazem muitos filmes sobre o holocausto, Brum mostra um David herói e um David comum. Usando as técnicas do Jornalismo Literário, ela foi capaz de contar a história de forma a torná-la mais atrativa para o público.

Quem vê David não pensa que ele é um sobrevivente dos campos de concentração nazistas. Pelo contrário, ao assistir David na televisão, a impressão que se faz dele é de um “doce velhinho dos comerciais”, alguém “que alcançou a plenitude da vida com o rosto da saúde e da bonança” (BRUM, 2006, p.140).

Contudo, o paralelo mais importante que a repórter traz em seu texto é o de que todos nós vivemos um holocausto particular. Nesse sentido, ela associa todos nós a David. Se o “doce velhinho dos comerciais”, à primeira vista, uma pessoa absolutamente comum, pode ser, na verdade um herói, talvez nós não sejamos assim tão comuns. Talvez também nós tenhamos nossas histórias e “holocaustos” que nos tornam extraordinários. Ao mesmo tempo, passamos a nos questionar quanto às jornadas das pessoas que nos cercam. Será que elas são tão ordinárias como sempre as entendemos?

Essa narrativa, em certa medida, subverte a ordem social que nos é imposta. Isso porque, como explica Bourdieu, somos levados a crer que é natural que existam pessoas mais poderosas que outras por terem um determinado capital simbólico. Os poderosos seriam seres especiais, extraordinários que merecem ocupar a posição que ocupam. Enquanto os que não têm o poder são inferiores e devem se contentar com os papéis sociais que lhes são impostos.

Ora, mas se somos todos extraordinários e comuns ao mesmo tempo, por que deveriam aquelas pessoas ocuparem as posições que ocupam. Eliane Brum proporciona aos seus leitores e a seus personagens a possibilidade de percepção de que o *status quo* não é de fato natural, mas construído para se permaneça a visão de mundo do grupo dominante. A jornalista nos põe a todos no mesmo nível e subverte a lógica de que existem aqueles que são mais especiais que os outros.

Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Editora 70, 2011.
- BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 322p.
- BRUM, Eliane. **A Vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago, 2006. 204p.
- BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em Convergência**. São Paulo, Editora Àtica, 2007. 216p.

FONSECA, Isabel de Assis. **Guinada subjetiva no jornalismo**: um olhar opaco em direção às narrativas da repórter Eliane Brum. In: XXXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Manaus, 4-7, set. 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/r8-0287-1.pdf>> Acesso em: 3 de agosto de 2016.

MARÃO, José Carlos. Por que falar de Realidade? In MARÃO, José Carlos e RIBEIRO, José Hamilton. **Realidade re-vista**. Santos, SP: Realejo Edições, 2010, p.17-20.

_____. Vida, paixão e morte de nossa senhora Realidade. In MARÃO, José Carlos e RIBEIRO, José Hamilton. **Realidade re-vista**. Santos, SP: Realejo Edições, 2010, p.21-37.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013. 142p.

ROZENDO, Suzana e MEGA, Vinícius Mizumoto. A Humanização dos Relatos em João do Rio e Eliane Brum: Observação e Consonância que perpassam o tempo. In: **Anais do 3º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia** “Mídia e Memórias do Autoritarismo” (GT 1 – História do Jornalismo), 2014. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sudeste/3o-encontro-2014/gt-1-2013-historia-do-jornalismo/a-humanizacao-dos-relatos-em-joao-do-rio-e-eliane-brum-observacao-e-consonancia-que-perpassam-o-tempo/view>> Acesso em 02 de agosto de 2016.

VOGLER, Cristopher. **A Jornada do Escritor** – Estruturas Míticas para Contadores de Histórias e Roteiristas. Rio de Janeiro: Ampersand, 1998.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 245p.